



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Os Modelos Ópticos em Proust
Autor	EDUARDO KIVES
Orientador	MARTA REGINA DE LEO D AGORD

Os Modelos Ópticos em Proust

O projeto “*Os Modelos Ópticos em Proust*” faz parte da pesquisa “*Psicanálise e Literatura*”. Nesse projeto, através dos modelos ópticos, enfocaremos o modo como esses campos se esforçam por representar o Real. Na Psicanálise, Freud tratou as bordas pulsionais do corpo como recortes do Real. Os modelos ópticos proustianos também colocam bordas no Real, enquadrando-no.

O método utilizado foi a escuta psicanalítica do texto, leitura pela escuta e escuta da leitura, a leitura polissêmica. A pesquisa vem trabalhando o romance *Em Busca do Tempo Perdido*. Para investigar os modelos ópticos neste romance, destacamos o segundo ciclo, *A Sombra das Raparigas em Flor*.

Abordar o real em Proust implica remetê-lo ao tempo, perdido (‘perdido’ quer dizer real, e não, passado), e aos modelos oferecidos na obra para enquadrá-lo. Nesse sentido, é notável que, na *Busca*, sejam raras as indicações diretas de passagem do tempo. É que os modelos de Proust diferenciam-se do modelo cronológico que habitualmente utilizamos.

Proust equaciona a passagem do tempo à mudança dos personagens ao longo da obra, como ele próprio nos indica, em uma entrevista: “(...) os diversos aspectos que um mesmo personagem terá assumido aos olhos de um outro, a ponto de ser personagens sucessivos e diferentes, darão – mas por isto somente – a sensação do tempo decorrido (Proust, 2006, p. 510)”. A esse respeito, tomemos, como exemplo, a emblemática sra. Swann, que, de coquete de baixo nível em *No Caminho de Swann*, torna-se dama badalada no volume seguinte.

Mas não só a diferença em um mesmo personagem indica que o tempo passa, como também a semelhança entre personagens diferentes. Tal semelhança, ao invés de uma inovação radical, é o que permite que se inscreva uma diferença no modo do Narrador de ver o mundo: “Se, nesse gosto pelas diversões, tinha Albertine alguma coisa da Gilberte dos primeiros tempos, é porque existe certa semelhança, embora vá evoluindo, entre as mulheres que sucessivamente amamos” - é assim que, segundo o Narrador - a repetição está “destinada a sugerir uma verdade nova (Proust, 2006, p. 554)”.

Na ciência, os aparelhos ópticos encurtam a distância material entre o objeto e o olho. Além do caleidoscópio, um dos instrumentos de observação mais caros a Proust, a pesquisa em curso trabalha com o modelo do estereoscópio, aparelho que é fonte de prestígio para o sr. Bloch no romance. Proust, provavelmente, não devia se maravilhar, como seus contemporâneos, apenas com a vista de uma imagem em três dimensões. Ao invés disso, a busca pelas imagens, pelo tempo perdido, devia fascinar ao modo de uma brincadeira, o gesto infantil de fechar um olho, depois outro, depois voltar a olhar a figura inteira no estereoscópio, jogando com os efeitos da paralaxe.

A paralaxe é a mudança aparente de um objeto devido à mudança do ponto desde onde ele é observado. Este conceito, proveniente da física, conduz-nos a um primeiro resultado: não é apenas o tempo que passa, mas também o olhar, a partir dos enquadramentos de diferentes modelos ópticos, que muda. A própria obra, nos diz o Narrador, cumpre esta função, sendo “uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo (Proust, 1988, p. 184)”.